

Mily (Emília) Possoz nasce em Lisboa, em 1888, filha de um casal belga que vivia em Portugal. A família, cosmopolita, visitava regularmente Paris e os parentes em Liège e Antuérpia. No seio familiar, falavam-se várias línguas. Como era costume nas famílias privilegiadas da época, Mily aprendeu piano e foi através do seu professor Alexandre Rey Colaço que conheceu a sua filha Alice, com quem manteve uma forte relação de amizade durante toda a vida e com quem viria a colaborar artisticamente. Mily Possoz estudou algum tempo em Paris e viajou bastante pela Europa. Quando regressou a Portugal, em 1909, começou a participar em exposições coletivas e individuais (foi uma das poucas artistas mulheres da época a expor individualmente).

Depois da morte do pai, em 1912, Mily Possoz procurou uma forma de sobrevivência económica e, tal como muitos dos seus contemporâneos, a sua prática passou a incorporar as artes gráficas. Em 1914, desenhou a capa do livro *O jardim das Mestras* de Manoel de Sousa Pinto. Mais tarde, em 1922, desenhou a capa do livro *Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda ao Pólo Norte – Primeiro Episódio*, da conhecida ativista feminista Ana de Castro Osório, onde para além dos desenhos também tratou da tipografia. Não podemos deixar de referir o carácter problemático da representação dos habitantes do Ártico, tanto na capa como no texto, marcados pela postura colonial da época (sobre este assunto, consultar as legendas destes objetos, onde Rita Carvalho discute estes temas com mais detalhe). Ainda em 1922, Mily Possoz desenha mais um livro que reúne um discurso e uma representação colonial controversas, *As Desgraças de uma família Persa*, da autora Jane Bensaude, onde não só cria a imagem central da capa como também a tipografia e a moldura que segura toda a composição, motivo repetido no interior e que define o design do miolo. Solução à qual voltaria no livro *As Bonecas*, também de Jane Bensaude.

Durante os anos 20, Mily Possoz expôs coletivamente com a amiga Alice Rey Colaço [ver ERRATA-02], com quem também colaborou em vários projetos editoriais. O livro *Zilda*, de Alfredo Cortez, é um exemplo particularmente feliz

desta colaboração: a capa foi desenhada pelas duas, Alice Rey Colaço e Mily Possoz, que também contribuiu com ilustrações para o miolo e fez, juntamente com José Barradas, o cartaz e os cenários para a produção de teatro.

Mily Possoz regressa a Paris em 1922, onde ilustra os livros *Caderno*, de Valéry Larbaud, em 1927, e *La Carrosse du Saint Sacrement*, de Prosper Mérimée, em 1928. Continua a ilustrar durante os anos 40, 50 e 60.

Apesar de ser uma artista modernista notável, as reflexões sobre o trabalho de Mily Possoz são, em grande parte, redutoras, referem-se à sua personalidade e ao seu trabalho com termos como “doce” ou “dócil”. Chegou a ser descrita por um jornalista como “uma mulher de cabelos d’ouro pálido e uns claros olhos azues onde palpitam anunciações de bondade para as creanças”. A insistência em associar a infância e os temas domésticos ao trabalho de mulheres como Mily Possoz, atribuindo-lhes uma feminilidade em detrimento de uma consideração com base nos seus próprios méritos, revela-se um problema persistente para os ilustradores deste período (e até hoje). No caso de Mily Possoz é, também, uma farsa. Mesmo que algum do seu trabalho mostre assuntos doces ou infantis, nas palavras de Emília Ferreira (à qual a Errata não pode deixar de agradecer a investigação sobre a Mily e outras artistas mulheres do início do século) “(...) em Paris, Mily não pintou só meninas (embora por vezes o fizesse). Na maior parte da sua estada, ela regista sobretudo jovens mulheres (a sua geração) que tomam a cidade de assalto. (...) Na verdade, este é um mundo em que os gatos são frequentes, mas os homens raros, reduzidos a elementos decorativos, ocasionais; personagens secundárias num mundo urbano, moderno, arrojado e feminino”. As mulheres e as jovens que Mily Possoz retrata são independentes: quando estão no espaço doméstico, não são donas de casa, mas ocupam espaços de trabalho como ateliers; quando estão na rua, são confiantes, dançam nos parques, andam às compras. Tal como os seus temas, também Mily Possoz está longe de ser doce ou dócil.

*Isabel Duarte, 2021*